

Cinema de reexistência na Amazônia

"Cada periferia um mundo,
cada mundo um universo de muitas realidades."

[Grafite em bairro pobre de João Pessoa - Pb]

Existir, resistir. A existência que é, em si, uma manifestação de resistência. Re-existir, da ideia também de ressurgir, renascer, reafirmar-se. Nas fronteiras do desenvolvimento capitalista, resistir contra a violência e se fazer vivo, existente. Resistir à escravidão, à transformação em objeto, à animalização, e existir como sujeito... político, histórico, econômico, ecológico, cultural, etc.

Reexistir é investir na diferença contra as poderosas formas de homogeneização, conviver com as múltiplas ontologias dos pluriversos - e não uni - que constroem mundos. Formas de viver que coexistem, vidas que caminham em paralelo na mesma contemporaneidade, e cujas existências tornam-se atos de resistências frente a voracidade unidimensional do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado do mundo moderno. Existe apenas um mundo, nos conta Achille Mbembe em Crítica da Razão Negra, mas ele é "um Todo composto de mil partes", de todo mundo e de todos os mundos. Essas diferenças, ou a própria ideia da diferença, se tornou um problema político e cultural no momento em que o contato violento entre povos, por meio da conquista, do colonialismo e do racismo, levou alguns a acreditarem que eram melhores que outros. A diferença é vista como um problema apenas diante da uniformidade das coisas. Como pergunta Mbembe, por que julgamos que a diferença é um problema?

Existe apenas um mundo, e todos temos direito a ele, apesar das diferentes maneiras de habitá-lo.

Existe apenas um mundo, e todos temos direitos a lutar para habitá-lo com nossas diferenças e contra tudo que forja a desigualdade de direitos neste mundo, manifesta como desigualdades econômicas, sociais, regionais, de gênero, étnica etc.

Na Amazônia sitiada pelos interesses do capital desde a Ditadura Militar, a luta contra tais desigualdades passa pelo combate ao colonialismo, passa pelo confronto-denúncia à lógica da extração-predação que define a economia política da exploração das matérias primas da região e fomenta disputas territoriais que submetem sua população à violência do agronegócio, da construção de hidrelétricas e de empresas de mineração.

Na Amazônia, camponeses, indígenas, ribeirinhos, quilombolas e os trabalhadores pobres das cidades, cotidianamente inventam formas de reexistência a tudo que negativamente faz da região fronteira do desenvolvimento capitalista. E todo ato de reexistência é também um ato de insurreição e defesa de seus mundos contra a brutal dinâmica de destruição, aniquilação, saque e violações própria do colonialismo capitalista.

Na região, onde o sul e sudeste do Pará emergem como epicentro de

violentos conflitos, o cinema tem sido uma arma que ajuda a revisitar - e **quicá** reparar - as cicatrizes da história e projetar visibilidade às lutas populares cotidianas frente ao avanço do capital sobre a Amazônia.

Esse cinema e estas histórias são celebrados no Festival Internacional Amazônida de Cinema de Fronteira [FIA-CINEFRONT]. Neste ano de 2017 com o tema "o nosso cinema é de reexistência" traz filmes realizados em conjunturas adversas. Filmes que também resistiram para existir e fazer a diferença frente à uniformização das ideias e da estética. Festejando as múltiplas possibilidades que unem cinema, lutas sociais e educação, o III FIA-CINEFRONT presta homenagem a um dos maiores documentaristas da Amazônia e um dos mais belos símbolos que nos sinalizam que o cinema, como uma ferramenta de combate de ideias, pode existir com uma câmera na mão, uma trupe numa Kombi e muita criatividade: Jorge Bodanzky.

Em 1974, num período em que o Exército Brasileiro massacrava guerrilheiros, guerrilheiras, camponeses e camponesas na região do Bico do Papagaio, Bodanzky corajosamente embarcava com uma equipe extremamente reduzida e criativa para contar a história da Transamazônica vividas por um caminhoneiro e uma prostituta. O talento extraordinário de Paulo Cesar Pereio transformou a realidade em um imenso cenário. O filme "Iracema, uma transa amazônica" chacoalhou o festival de Cannes, em 1976. E ficou inacessível no Brasil até 1981 por uma manobra da ditadura para evitar sua projeção - como era uma produção com uma TV alemã, ele não poderia ser censurado, mas também não era exibido.

Bodanzky volta ao Pará dez anos depois e segue acompanhando, nos anos 1980, a "guerra que veio depois" do massacre à guerrilha: a luta pela terra. Seguindo os passos de Padre Ricardo Resende e a Teologia da Libertação, o filme "A Igreja dos Oprimidos" é um retrato de um triste período da história da violência no campo. Temos todos e todas, para partilhar no futuro, o raro depoimento do sanguinário pistoleiro Sebastião da Teresona, assim como as sábias palavras e a interpretação progressista do Evangelho por Padre Ricardo, com as memórias da luta camponesa. "No meio do rio, entre as árvores", é um documentário mais recente, com outras percepções da Amazônia e uma troca de olhares já mais profunda com a população amazônida. Além das projeções, Bodanzky irá participar de rodas de conversas com estudantes, professores, indígenas Gavião e a juventude Sem Terra, público do festival, uma oportunidade única e certamente imperdível.

O festival traz como principal atração internacional o filme "Isso Muda Tudo", documentário de Avi Lewis baseado no livro best-seller da premiada jornalista Naomi Klein, uma profunda investigação sobre as políticas por trás das mudanças climáticas, e as resistências e ocupações que se espalham pelo planeta que ela chama de Blockadia. O premiado "Branco sai, preto fica", de Adirley Queiros, é uma magistral obra de ficção que enfrenta o problema fundamental da questão racial no Brasil. Estes são dois belos destaques em uma ótima programação que tem ainda o curta "A Pedra Mágica do Homem Invisível" de Marcos Fé, a apresentação das produções financiadas pela Unifesspa

através do Prêmio de Arte e Cultura da PROEX e filmes produzidos por cineastas locais, "Aquém Margens" de Alexandra Duarte e "Cine Ideal" de Ricardo Almeida.

Celebrando a reexistência, o FIA CINEFRONT espera inspirar e partilhar o cinema como uma ferramenta de formação e instrumento de transformação, afirmando a vida e ideias que pulsam nos fronts e práticas de combate ao capitalismo como referências à construção de um mundo pluriverso, livre, democrático e igualitário, habitado pelo encontro humanizador entre muitos mundos, entre estes, os mundos dos povos amazônidas!

Vida Longa ao CINEFRONT!

Evandro Medeiros [Unifesspa]

Felipe Milanez [UFRB]

(Curadores do Festival)